

A utilização da prosódia por uma pessoa com afasia como um recurso para lidar com o déficit linguístico

Aline Gruppi Lanini (UFJF)

Mônika Miranda de Oliveira (UFJF)

Amitza Torres Vieira (UFJF)

RESUMO: O presente estudo se propõe a investigar como a prosódia está atuando no discurso de uma pessoa com afasia em um segmento de conversa. A pesquisa realizada conjuga contribuições de estudos de Sacks (1974) sobre a estrutura de uma conversa e reflexões teóricas de estudos sobre prosódia como os de Couper-Kuhlen (2001) e Cruz, Campos e Bulhões (2006). Foram analisados breves segmentos de uma conversa, gravada em áudio e vídeo, e estes segmentos selecionados foram submetidos ao tratamento viabilizado pelo Programa Computacional PRAAT. Os resultados mostraram que o fenômeno presente no discurso estudado atua como um recurso prosódico para lidar com o déficit linguístico e manter a posse da palavra.

PALAVRAS-CHAVE: Prosódia; Conversa; Afasia.

Introdução

Os estudos de fronteiras, como os que abarcam a interface da Linguística com a área da saúde, têm merecido grande destaque nas novas pesquisas acadêmicas. Isso possibilita que os estudiosos forneçam valiosas fundamentações teóricas que, além de permitirem um aprofundamento mais significativo dos estudos linguísticos, trazem contribuições para a intervenção fonoaudiológica com pessoas que apresentam comprometimentos na área da linguagem.

Dessa forma, iniciamos com uma breve explanação acerca da afasia com a finalidade de oferecer ao leitor uma melhor apresentação do cenário em que nossas investigações ocorrem. Apresentamos, em seguida, algumas considerações sobre prosódia e uma breve notação sobre a estrutura de uma conversa, visto que fundamentarão a análise dos dados deste estudo. Finalizamos apresentando a análise dos dados baseando-nos nos pressupostos teóricos abordados anteriormente.

1. Uma breve explanação sobre afasia

Segundo Jakobson (1975), o primeiro linguista que se dedicou ao estudo das afasias, sendo seus primeiros trabalhos publicados na década de 60, a afasia trata-se de uma

manifestação que escapa às teorias linguísticas tradicionais, porque fere a norma, abala a gramaticalidade, perturba padrões estruturais e funcionais, e ainda assim, por estar relacionada à linguagem, deve ser contemplada pela linguística.

A afasia consiste em um distúrbio da linguagem em que há comprometimento da capacidade de produção e/ou compreensão verbal relacionado a prejuízos dos mecanismos linguísticos envolvidos no funcionamento da linguagem e nos processos cognitivos de alguma maneira a ela associados, decorrente de lesão estrutural adquirida no Sistema Nervoso Central em virtude de Acidentes Vasculares Encefálicos (AVEs), Traumatismos Crânio-encefálicos (TCEs), tumores ou outras afecções. Portanto, podemos considerar que esta patologia acaba por comprometer as práticas linguísticas e discursivas da vida cotidiana. Conforme bem destaca Morato (2004:154),

“a afasia pode e geralmente é acompanhada de alterações de outros processos cognitivos e sinais neurológicos, como a hemiplegia (paralisia de um dos lados do corpo), a apraxia (distúrbio da gestualidade), a agnosia (distúrbio do reconhecimento), a anosognosia (falta de consciência por parte do sujeito cérebro-lesado), etc”.

Nossa proposta neste item não consiste em realizar uma explanação acerca das classificações da afasia, visto que existe um grande número de terminologias que classifica as várias síndromes de afasia, além de existirem diversas perspectivas a partir das quais se pode estudar tal patologia. Todavia, assumimos aqui um posicionamento que não considera *mister* a concepção de afasia baseada em uma visão localizacionista que trata da correlação lesão-sintoma linguístico, de modo a alcançar a tipologia das afasias. Voltaremos nosso foco para as manifestações linguísticas, portanto, para o uso da linguagem, por considerarmos que o discurso de pessoas com afasia nos oferece ferramentas para compreender esse distúrbio da linguagem sem a necessidade de associar a este uma classificação. Diante de tais considerações, prosseguimos versando a respeito das manifestações linguísticas reveladas no discurso da participante deste estudo, que apresenta comprometimento da capacidade de expressão verbal, a fim de possibilitar ao leitor conhecer um pouco melhor o cenário em que o recurso prosódico utilizado pela participante com afasia, Carla, em momentos de anomia e agramatismo, é estudado.

Tomando como base as definições de Murdoch (1997), o discurso da participante deste estudo revela algumas manifestações linguísticas como: anomia (dificuldade de nomeação),

podendo ser decorrente de uma dificuldade em acessar o léxico ou recuperar informações a ele referente (dificuldade de encontrar palavras); parafrasia verbal (substituição de palavras); parafrasia literal (substituição de parte de palavras); fala telegráfica (com predominância de substantivos e verbos de ação e escassez de adjetivos, advérbios e preposições, conferindo um estilo telegráfico ao discurso) (Murdoch, 1997). Entretanto, gostaríamos de destacar que estas não esgotam o conjunto de manifestações linguísticas apresentadas por pessoas com afasias, e que a participante não apresenta todas, tampouco as mesmas, manifestações em seus discursos.

2. Compreendendo a estrutura de uma conversa

Anterior aos estudos de Harvey Sacks (1973) acerca das conversas cotidianas, os estudiosos da época consideravam a conversa uma instância que não apresentava nenhuma organização e, por isso, não poderia ser considerada objeto de pesquisa. Entretanto, mesmo diante da concepção vigente na época, Sacks não se apreendeu em seu interesse em estudar as conversas, sendo o pioneiro nesses estudos. A partir de seus estudos, Sacks postulou que existe uma organização a ser descoberta no sistema mais básico de trocas de fala.

Dentre as descobertas de Sacks e estudiosos a respeito da conversa cotidiana, torna-se relevante mencionar a organização sequencial turno a turno da conversa, envolvendo a organização dos pares adjacentes; a organização da tomada de turno na conversa, constituída por técnicas que se enquadram em um sistema de alocação de turnos organizado por regras; a forte preferência pela contiguidade entre pergunta e resposta e pela concordância entre pergunta e resposta.

Cabe destacar que abaixo mencionaremos, brevemente, somente as noções acerca da organização sequencial e da tomada de turno na conversa, visto que estas noções irão fundamentar a questão da função discursiva da estratégia prosódica apresentada nesse estudo.

Ao iniciarmos nossa breve dissertação sobre a estrutura de uma conversa, podemos dizer que, seguindo Sacks (1973), a interação verbal é organizada sequencialmente e, com isso, as unidades sequenciais poderiam ser examinadas como um fenômeno. Além do exposto acima, Sacks e seus colaboradores (1974) propuseram uma sistemática elementar para a organização da tomada de turnos na conversa, em que o sistema de tomada de turnos

abrangeria dois componentes (componente de construção de turno e componente de alocação de turno) e um conjunto de regras.

O componente de construção de turno define os tipos de unidades que um falante pode usar ao participar de uma conversa. Estas unidades correspondem às elocuições que variam de uma palavra a frases completas. O falante tem direito de ter um turno ou vez para produzir uma tal unidade, e a unidade, uma vez iniciada, permite que o ouvinte faça uma projeção, isto é, uma previsão de quando ela irá acabar. O ponto em que a unidade termina é denominado de ponto relevante para transição, porque este é o momento em que a mudança de falante pode (mas não obrigatoriamente deve) ocorrer.

Já o componente de alocação de turno especifica como um próximo falante é escolhido. Este componente envolve duas técnicas: (i) o falante corrente seleciona o próximo falante (seleção feita pelo outro), e (ii) o próximo falante se auto-seleciona (auto-seleção). Existe um sistema de tomada de turnos organizado pelas seguintes regras, no qual essas técnicas de alocação de turnos se enquadram, e que explicam como acontece a seleção de falantes: (i) ao se chegar ao ponto relevante para transição, o falante corrente pode selecionar o próximo falante e, neste caso, a parte selecionada tem o direito de ser o próximo falante; (ii) caso se chegue neste ponto e o falante corrente não selecionou um próximo falante, alguém poderá se auto-selecionar para ser o próximo a falar, ou se ninguém fizer isso, o falante atual pode continuar falando, ou o último falante pode recomeçar a falar.

Assim sendo, acreditamos que o leitor, baseando-se nesses conhecimentos sucintos destacados acima, terá um suporte teórico necessário para uma melhor compreensão das análises realizadas nessa nossa pesquisa.

3. Algumas considerações sobre prosódia

Há algum tempo, por volta da década de 70, a maioria dos lingüistas pensavam ser possível haver língua sem entonação, por isso, estudavam a linguística sem contemplá-la, conseqüentemente, também não havia a combinação de entonação e discurso. Segundo Couper-Kuhlen (2001), alguns estudiosos chegaram a pensar a entonação como sendo externa à língua, ela era vista como a diferença entre a sentença escrita e esta sentença lida em voz

alta. Conforme a autora, tal idéia foi promovida pela visão da primazia da língua escrita. Além disso, a entonação não se encaixou nos moldes estruturalistas da época.

Somente a partir dos anos 80 passou a ser evidente para alguns linguistas que a entonação tem uma função no discurso. Couper-Kuhlen (2001) cita três vertentes de investigação da entonação no discurso que hoje podem ser identificadas: (i) “entonação como gramática”; (ii) “entonação como fluxo de informação” e (iii) “entonação como contextualização”, que mais tarde passou a contemplar os fenômenos prosódicos de *pitch*, altura e duração, havendo então, uma mudança sutil nesta abordagem, passando do estudo da entonação para o estudo da prosódia e do discurso, sendo mais adequado nomeá-la como “prosódia como pista contextual”.

Cabe ressaltar que ainda hoje encontram-se controvérsias no uso dos termos *prosódia* e *entonação*. No entanto, não caberia aqui uma maior explanação sobre tal questão. O que se faz relevante destacar é que para investigar o parâmetro da variação prosódica recorreremos aos estudos de Couper-Kuhlen (2001).

Para Couper-Kuhlen (2001) as pistas contextuais ou fenômenos prosódicos como *pitch*, altura e duração, não são vistos como acidentais ou aleatórios, nem como reflexos automáticos de estados cognitivos e afetivos. Eles são pensados para ter sua própria sistematicidade, mas uma sistematicidade que só pode ser acessada dentro de um contexto.

De acordo com alguns autores, como Schotz (2003), Bulhões (2006), Campos (2006) e Cruz, Campos e Bulhões (2006), o elemento “ê : :” presente na fala em análise e que constitui o foco de nosso estudo, pode ser classificado como um elemento paralinguístico. Segundo Schotz (2003; *apud.* Cruz, Campos e Bulhões, 2006: 3) “a paralinguagem abarca todos os aspectos da fala que não pertencem ao código linguístico convencional, mas que são significativos e importantes na comunicação falada, visto que carregam informações sobre as intenções e emoções do falante.”

Diante disso pode-se afirmar que os recursos paralinguísticos, longe de serem elementos vazios e sem significação, desempenham um papel fundamental na organização do discurso falado e na produção de seu sentido. Ainda segundo Cruz, Campos e Bulhões 2006: 6) os estudos que se propõem a analisar a paralinguagem devem analisá-la como um “canal paralelo à estrutura linguística que produz informações sobre o estado afetivo do locutor, e ainda outras informações relacionadas a psicofisiologia do mesmo.”

No entanto, o que se pode notar é que os estudos acerca da paralinguagem no Brasil tratam os recursos paralinguísticos como elementos de apoio na compreensão dos aspectos prosódicos e estilísticos da língua falada, como em Gomes (2003). Um estudo que analisa o elemento paralinguístico sob o ponto de vista da variação prosódica, dando-lhe o estatuto de uma categoria que fornece ao ouvinte uma informação adicional sobre as intenções do falante, encontra-se em Cruz, Campos e Bulhões (2006), onde as autoras destacam a escassez de pesquisas que focalizem os aspectos prosódicos da paralinguagem na análise da fala espontânea. Em sua pesquisa elas procuraram estabelecer um sistema de anotação padronizado dos elementos paralinguísticos do português brasileiro, buscando associar, com a utilização do programa PRAAT (versão 3.9.11), as propriedades físicas de duração, frequência fundamental (F0) e composição segmental dos elementos paralinguísticos com os efeitos de sentido produzidos nos contextos de fala de sujeitos que não apresentam comprometimentos linguísticos. Nosso trabalho aqui, no entanto, se diferencia por analisar a fala de uma pessoa afásica, o que torna nossa pesquisa bastante relevante e inovadora.

Cruz, Campos e Bulhões (2006) investigaram 59 ocorrências de 3 elementos paralinguísticos encontrados em gravações de fala espontânea e natural produzida por pessoas expressando atitudes e emoções. Cada um dos três elementos foram analisados e a partir de suas características prosódicas foram classificados de acordo com sua função e efeito de sentido. Os elementos descritos foram: <uhnhun>, <ah> e suas variantes, cuja função é de partícula interativa e o sentido de compreensão e confirmação; e também o elemento <pausa preenchida> representado pela variante [eh], classificado funcionalmente como processador neurolinguístico discursivo, cujo efeito de sentido é de organização de idéias. Entretanto, no presente trabalho iremos analisar somente este último elemento, uma vez que ele chama a atenção pela recorrência no discurso analisado.

Em contexto de discurso afásico, há diversas situações de repetição constante de um dado elemento, que pode ser de um elemento paralinguístico ou mesmo de um item presente no léxico da língua. Tais fenômenos são estudados sob diferentes perspectivas e recebem diversas classificações. Mencionaremos a seguir alguns estudos que tratam de alguns destes fenômenos presentes na fala afásica, porém em uma perspectiva diferente da nossa, mas não menos importante, como uma forma de introduzir um novo olhar sobre o mesmo elemento, no caso o “é: :”, que será analisado adiante.

Dentre esses estudos, podemos mencionar Lima (2004: 75) que cita diversas manifestações patológicas que ocorrem tanto na fala afásica quanto na considerada normal, como por exemplo, a estereotipia definida como a “fixação de uma fórmula invariável de atitudes, gestos, atos ou expressões verbais prolongadas e repetidas incessantemente”. Há também Viscardi (2005) que também cita a *estereotipia* ou *automatismo*. Segundo Viscardi (2005) há uma variação no uso destes termos em português, mas a autora opta pelo uso do *automatismo* como um hiperônimo às duas formas, e explica que a *estereotipia* designa um automatismo de tipo não-lexical. Explica ainda que tal fenômeno tem sido definido como a emissão de enunciados estereotipados e repetitivos que podem ser produzidos através de formas lexicalizadas e não lexicalizadas da língua. Viscardi (2005: 50), citando estudos recentes, diz que a principal característica do automatismo é a enorme dificuldade em produzir as palavras que estão no léxico da língua do falante, “estando o sujeito resignado a produzir um número bastante reduzido de elementos, que podem ou não fazer parte do léxico de sua língua.” De acordo com o que sugere a própria palavra, o *automatismo* é tradicionalmente considerado como uma produção automática, que ocorreria independentemente da intenção do sujeito, sendo portanto, involuntário. E mesmo estas produções sendo caracterizadas por uma variação na curva entonacional, esta característica não é tomada como uma tentativa de produção de significação, ainda segundo Viscardi (2005), a prosódia é uma característica bastante evidente na produção do automatismo, no entanto, na maioria dos estudos, ela não é considerada como parte do processo de construção do sentido.

Diante disso, fica evidente que estes fenômenos, a rigor, não são abordados pela teoria linguística. Isto porque, segundo Viscardi (2005), os “desvios” presentes na fala de sujeitos afásicos colocam em questionamento muitas reflexões desenvolvidas pelos lingüistas e revelam aspectos da língua que seriam marginalizados pela teoria linguística.

No entanto, consideramos que essas observações merecem um papel de destaque nessa nossa discussão, pois ela permitirá que o leitor construa o cenário no qual as análises serão realizadas.

4. Analisando uma conversa que envolve pessoas com afasia

Nossa pesquisa tem o intuito de fazer uma análise qualitativa e interpretativa dos dados extraídos do *corpus* coletado para a pesquisa de mestrado intitulada “A co-construção de identidades em interações face-a-face entre pessoas com e sem afasia de expressão”, composto de aproximadamente quinze horas de gravações. As conversas foram gravadas em áudio e vídeo e transcritas conforme o sistema desenvolvido por Gail Jefferson, e adaptado por ela mesma em 2002.

A participante desse estudo, 55 anos, identificada pelo pseudônimo Carla, apresenta comprometimento da capacidade de expressão verbal devido à afasia, em consequência de um Acidente Vascular Cerebral (AVC) ocorrido há aproximadamente 10 anos, tomando como referência o ano em que aconteceram os encontros (2007).

Foram selecionados pequenos segmentos do relato de um procedimento para ser analisado neste estudo à luz da perspectiva qualitativa. Para tanto, foram extraídos todo o áudio da gravação em vídeo e os segmentos selecionados foram submetidos ao tratamento viabilizado pelo Programa Computacional PRAAT, desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink (Universidade de Amsterdã) e disponível na Internet.

O PRAAT é um programa computacional que permite a análise e síntese da fala, de modo que pesquisadores consigam manipular gravações de voz e criar gráficos de grande qualidade, oferecendo funções inéditas e reservadas ao campo estritamente científico. Na prática, o software possibilita escutar todo tipo de sons para submetê-los a diversas análises, além de aplicar efeitos e filtros, variar o *pitch* de duração e realizar uma síntese articulatória. Os resultados são sempre visualizados por meio de gráficos.

Antes de iniciarmos o trabalho de análise dos dados cabe destacar alguns pontos fundamentais. Em primeiro lugar, é importante destacar o papel da gestualidade e sua correlação com a organização do discurso como um todo. Como é possível notar na transcrição da conversa (em anexo), os gestos são parte integrante do processo de construção do discurso e auxiliam na produção da significação, fato reconhecidamente presente em qualquer contexto de fala. No entanto, devido aos objetivos aqui propostos não nos aprofundaremos na análise dos gestos na produção do sujeito investigado.

Um segundo ponto importante a esclarecer diz respeito ao papel da prosódia em relação aos demais níveis linguísticos. Consideramos que a prosódia é parte constitutiva da linguagem e não possui uma autonomia ou supremacia sobre o léxico da língua. Neste sentido, procuramos destacar o papel relevante da prosódia no funcionamento da linguagem,

sem tomá-la de forma isolada e separada do contexto de produção, sempre reafirmando nossa perspectiva interacional.

Por último, é muito importante destacar que, tomando como base a perspectiva assumida por Coudry ([2001] 1998), nossa pesquisa não se apreende somente em identificar o fenômeno estudado e distingui-lo, mas também em fornecer explicações para sua presença no discurso. Assim, no estudo aqui realizado não optamos por estabelecer uma classificação do fenômeno em estudo baseada em uma tipologia das afasias, mas iremos nos deter em fornecer explicações sobre a utilização do fenômeno em questão (o elemento paralinguístico “é: :”) no discurso da pessoa que apresenta afasia. (Coudry, [2001] 1998) Dessa forma, distanciamos de uma perspectiva meramente descritiva de sintomas (como automatismos, perseveração, eco, contaminação, entre outros) vinculada a uma tipologia de afasias, e aproximamos de uma perspectiva explicativa, que vai ao encontro do entendimento de recursos utilizados para lidar com o déficit linguístico que emergem durante a construção do discurso, pois acreditamos que, se assim considerarmos, não estaremos negligenciando os processos cognitivos de construção do discurso. (Coudry, [2001] 1998)

Diante disso, procuramos encontrar um padrão da frequência fundamental na fala de Carla. Para tanto, focamos no elemento paralinguístico “é: :”, com o intuito de encontrar uma correspondência entre a propriedade física da frequência fundamental (F0) e sua função no discurso. É importante destacar que optamos por utilizar o termo *frequência fundamental* ao invés de *pitch*, uma vez que este consiste no correlato psicoacústico da frequência fundamental, portanto consideramos a medida do *pitch* muito subjetiva para ser mensurada quantitativamente.

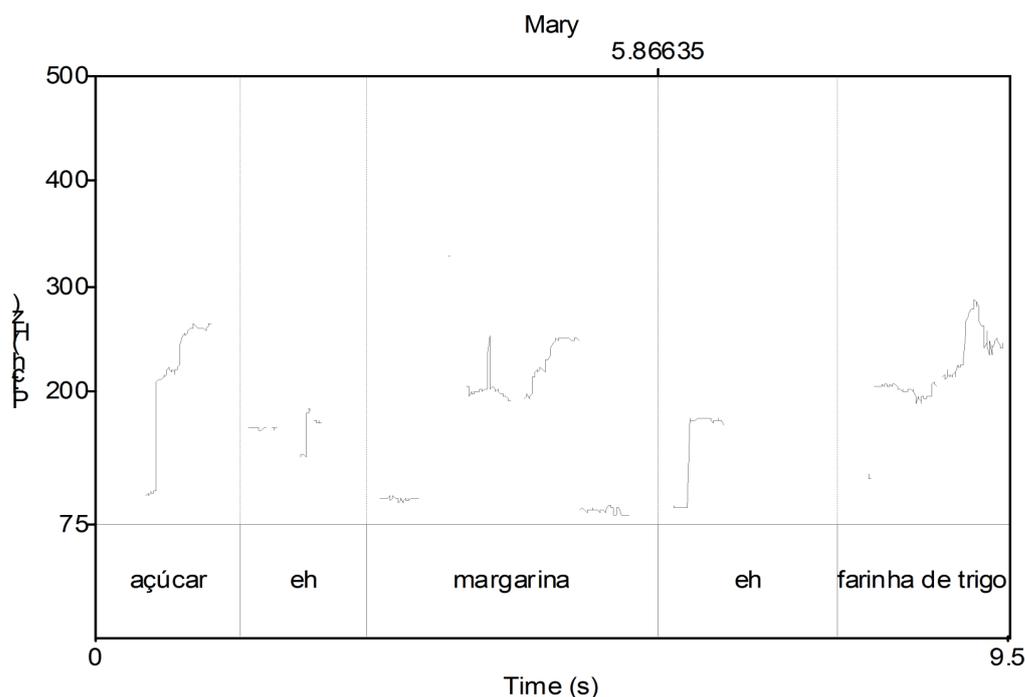
Fundamentados nas premissas básicas tratadas anteriormente, iniciamos, portanto, a análise dos segmentos do relato de procedimento. Lívia, no papel de mediadora da conversa, pergunta aos presentes quem gostaria de começar a realizar um relato de procedimento. Carla é a primeira a se manifestar e se auto-seleciona para tal relato e, sob a mediação de Lívia, é solicitada a relatar como se faz um bolo de chocolate. Observemos o seguinte segmento do relato de procedimento realizado por Carla.

- 43 Lívia: Ta ↓ Então vamos ver se eu entendi? Primeiro você bate a
clara em neve
44 (.)
45 Carla: ã,
46 Lívia: E separa,
47 Carla: ã,

48 Livia: Depois mistura todos os outros ingredientes↓, quais são?
 49 Carla: É:: ovo é:: açúcar é:: margarina é:: farinha de trigo é::
 chocolate,
 50 né, e:: - num gosto bolo de chocolate, num gosto. Aí::
 (pausa)
 I 51 Livia: Não faltou um não↑
 52 (pausa)
 53 Livia: Senão vai ficar uma farofa↓ só tem pó↑
 R 54 Carla: A:::: é:: leite é:: >pó royal<. ((risos))

Nota-se claramente o uso recorrente do elemento paralinguístico “é::”. Na linha 49, podemos observar que Carla utiliza o “é::” como uma estratégia para lidar com o déficit linguístico apresentado. A partícula “é::” aparece justamente quando Carla chega ao impasse da necessidade de explicitar os ingredientes da receita de bolo, o que sugere uma anomia (manifestação linguística do discurso oral baseada na literatura afasiológica). Com o intuito de analisar o *design* prosódico deste “é::”, submetemos o segmento acima “açúcar é:: margarina é:: farinha de trigo” ao tratamento do PRAAT e obtivemos o seguinte gráfico em que aparecem dois destes elementos em análise:

Gráfico 1



Conforme argumenta Couper-Kuhlen (2001), o registro do *pitch*, definido como a posição relativa da frase entonacional dentro da totalidade do registro vocal do falante, deve ser analisado tanto dentro do turno de fala, como do turno de fala em interação. No exemplo acima buscamos observar o registro da frequência fundamental (*pitch*, segundo Couper-Kuhlen (2001)) do elemento “é: :” dentro do turno de fala de Carla. É possível notar que as partículas “é: :” são moduladas em uma entonação ascendente não-finalizante e as duas ocorrências do “é: :” no segmento sob análise possuem o mesmo *design* prosódico, apesar de terem faixas de frequências distintas. Além disso, em relação ao restante da fala, o registro da frequência fundamental (*pitch*, segundo Couper-Kuhlen (2001)) desses elementos é mais baixo. Portanto, pode-se concluir que ambos são classificados como <preenchedor de pausa>, uma vez que, olhando para a estrutura sintática do turno, a posição destes preenchedores marca a pausa entre os elementos listados diante da dificuldade em acessar o léxico.

Assim sendo, à primeira vista, o conhecimento de Carla sobre as noções acerca da estrutura de uma conversa parece estar vinculado ao uso do recurso prosódico no segmento de fala analisado, ou seja, a utilização da estratégia prosódica torna-se possível a partir do conhecimento de Carla sobre essas noções.

Devido a isso, inferimos que o recurso prosódico utilizado por Carla para lidar com suas dificuldades linguísticas constitui um índice de sua competência social para participar de conversas, demonstrando o seu conhecimento acerca da organização da conversa. Sendo assim, é importante destacar que a utilização dessa estratégia nesse estudo encontra-se relacionada, principalmente, ao distúrbio de linguagem apresentado, ou melhor, a prosódia funciona como uma estratégia para lidar com o comprometimento linguístico apresentado.

Assim, consideramos que o uso desses elementos paralinguísticos sugere que a falante, em sua dificuldade de expressão linguística, recorre ao “é::” como tentativa de manter o turno de fala enquanto acessa o léxico para “encontrar” a palavra desejada. Sendo assim, podemos inferir que Carla tem o conhecimento acerca da estrutura de uma conversa, no caso, a organização sequencial e a sistemática elementar da tomada de turno. Com isso, atribuímos ao elemento “é::” a classificação de <preenchedor de pausa> com função discursiva de índice de posse da palavra.

Partiremos agora para a análise de outros dois segmentos.

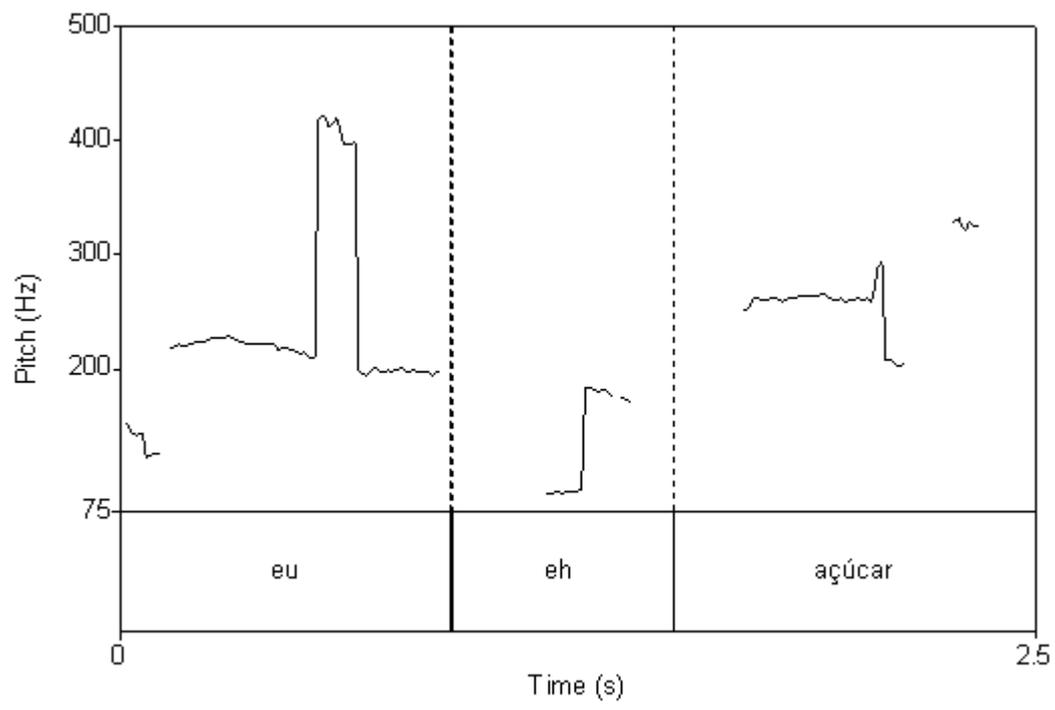
- 13 Lívia: Mas, o que você mistura primeiro?
 14 Carla: É:: clara e ghghgh ((faz um gesto com a mão esquerda como se estivesse misturando a clara)) (pausa) é:: neve
 I 16 Lívia: Clara em neve?
 +
 R 17 Carla: É. Aí eu vou é:: - o restante do bolo eu é:: açúcar, é:: tudo junto.
 18 Lívia: Tudo jun↑to↓
 19 Carla: É.
 20 Lívia: E onde você coloca?
 21 Carla: É:: numa bacia↓ não!é:: bater (.) primeiro↓ com (.) batedeira↑ (.) aí é:: passar óleo e farinha (.)
 I 23 Lívia: onde?
 I 24 Carla: É::((olha para Tereza como se pedisse ajuda)) (pausa) batê - ((coça a cabeça e olha para Tereza)) [como que chama? = ((mantém contato ocular com Tereza))]
 26 Tereza: [((olha para Carla e esboça um sorriso))]
 R 28 Carla: = a:::i fôrma. fôrma. ((sorri apenas com os lábios sem emitir som))
 29 (pausa) é:: bato (pausa) é:: passo (pausa) é:: é:: (pausa) ((mexe com a mão esquerda como se estivesse misturando algo)) eu:: é:: é::
 31 fico(.) demorando é:: - demora pra ((faz um gesto com a mão esquerda como se estivesse despejando algo de um recipiente para outro)) é::
 32 colocar da vasilha no bolo↓=

I 34 Livia: =Na fôrma↓
 +
 R
 35 Carla: É::: é:: demora↓ é:: é: restinho assim ((aproxima o
 polegar do
 36 indicador deixando um pequeno espaço entre eles))
 °fica°.

Consideramos pertinentes na análise desses dois segmentos as observações mencionadas anteriormente a respeito do primeiro segmento analisado. Por isso, nas linhas 17 e 22, o elemento paralinguístico “é: :” é utilizado, novamente, como uma estratégia para lidar com o comprometimento linguístico apresentado. Verificamos que Carla recorre ao uso do “é: :” na falta de recursos expressivos adequados para a manifestação de sua intenção, observado por uma dificuldade de construção estrutural da oração: uma certa incapacidade na utilização de verbos. Tal dificuldade, nos termos da literatura afasiológica, é denominada agramatismo.

Os segmentos “eu é:: açúcar” (linha 17) e “aí é:: passar óleo” (linha 22) foram analisados no PRAAT e obtivemos, respectivamente, os seguintes gráficos abaixo.

Gráfico 2



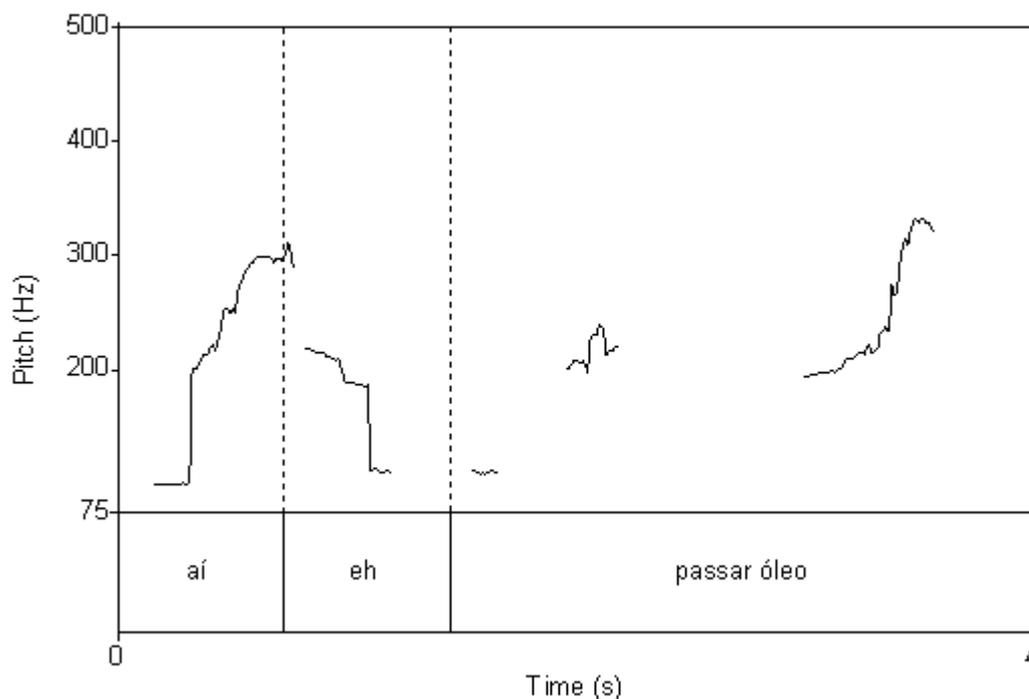


Gráfico 3
Na análise dos gráficos 2 e 3 obtido

s pelo PRAAT, é possível notar uma diferença do registro da frequência fundamental (*pitch*, segundo Couper-Kuhlen (2001)) do elemento “é:.”. Observamos que, apesar do uso do “é:.” em ambos os casos indicarem um recurso utilizado para lidar com o comprometimento linguístico, há uma diferença no contorno prosódico que seria explicada pelo contexto sintático/discursivo distinto.

Nos gráficos 2 e 3, assim como no 1, podemos observar que o registro da frequência fundamental (*pitch*, segundo Couper-Kuhlen (2001)) do elemento em análise também se mostra mais baixo em relação ao registro do restante do segmento. No entanto, no gráfico 3 o elemento “é:.” apresenta uma entonação descendente não-finalizante, ao contrário dos primeiros gráficos em que estes elementos apresentam uma entonação ascendente não-finalizante.

Além disso, podemos verificar que, nos gráficos 2 e 3, os elementos paralinguísticos “é:.” marcam a pausa na estruturação da oração diante da falta da forma verbal que estruture o discurso. Por isso, classificamos este elemento, novamente, como <preenchedor de pausa>.

Ainda, em relação a esses dois gráficos, inferimos que, como ocorre no gráfico 1, o uso desse elemento paralinguístico está relacionado ao conhecimento de Carla acerca da

estrutura de uma conversa e, por isso, o classificamos como <preenchedor de pausa> com função discursiva de índice de posse da palavra.

As análises sugerem a existência de usos distintos do elemento paralinguístico em discussão, assim, a produção dessas partículas mostra-se ser um recurso bastante produtivo na fala de Carla, como uma estratégia para a estruturação de seu discurso e como forma de manter seu turno de fala.

Considerações finais

Após as análises realizadas neste estudo, podemos dizer que o elemento paralinguístico “é : :” presente no discurso de Carla é utilizado como um recurso prosódico (ou estratégia prosódica) para lidar com os déficits linguísticos, que nos casos analisados, foram a anomia e o agramatismo, classificações segundo a literatura afasiológica.

Além do exposto acima, torna-se *mister* mencionar que, através da presença do recurso paralinguístico no discurso de Carla, inferimos que a mesma, assim como os indivíduos que não apresentam nenhum comprometimento linguístico, também demonstra possuir um conhecimento acerca das regras que subjazem a organização de uma conversa. Com isso, classificamos o elemento “é : :” como um <preenchedor de pausa> com função discursiva de índice de posse da palavra, uma vez que a falante utiliza este segmento de forma recorrente e muitas vezes prolongadamente como forma de se manter com a palavra.

Enfim, julgamos importante ressaltar que as considerações aqui formuladas se fazem importantes no sentido de fornecer uma nova perspectiva de análise para os fenômenos presentes no discurso de uma pessoa com afasia. No entanto, são conclusões que não esgotam as possibilidades de estudo de tais fenômenos, uma vez que, dado os objetivos aqui propostos, não foi possível contemplar todos os aspectos que abarcam as características prosódicas do discurso, assim como todos aqueles que estão envolvidos na análise da conversa.

Referências

COUDRY, M. I. H. *Diário de Narciso: discurso e afasia*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COUPER-KUHLEN, E. Intonation and discourse: current views from within. In: SHIFFRIN, D., TANNEN, D. e HAMILTON (Ed.). *The handbook of discourse analysis*. Blackwell Publishers: 2001. p. 13-34.

CRUZ, R. C. F., CAMPOS, J. C., BULHÕES, J. S. U. *Características acústicas e discursivas dos elementos paralinguísticos da fala espontânea: proposta preliminar de uma anotação padrão*. 2006. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/labfon/congresso_2006/3Caracteristicas_Acusticas_e_Discursivas_dos_Elementos.pdf> . Acesso em 21 de março de 2009.

DURANTI, A. Conversational exchanges. In: _____. *Linguistic Antropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

GOMES, A. L. *A voz que vem de longe: os códigos paralinguísticos na compreensão de narrativas oralizadas*. INTERCON. Set./2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP04_gomes.pdf>. Acesso em 12 julho de 2009.

LIMA, S. S. P. *O estatuto neurolinguístico da perseveração na afasia*. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2004.

MORATO, E. M. Neurolinguística. In: Mussalim, F. & Bentes, A. C. (Orgs.) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v. 2. São Paulo: Cortez, 2004.

MURDOCH, B. E. *Desenvolvimento da fala e distúrbios da linguagem – uma abordagem neuroanatômica e neurofisiológica*. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. *Revista Veredas de Estudos Linguísticos*, v. 7, n. 12, p. 01-67, 2005. Tradução do original: A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation. *Language*, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974.

SCHOTZ, S. *Prosody in relation to paralinguistics phonetics – Earlier and recent definitions, distinctions e discussions*. Jan./2003. Disponível em: <http://person2.sol.lu.se/SusanneSchotz/downloads/prosodypaper_Susanne2003.pdf>. Acesso em 7 de fevereiro de 2009.

VISCARDI, J. M. *O estatuto neurolinguístico do automatismo*. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ANEXO 1

CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

Adaptação (Jefferson, 2002)

[colchetes]	fala sobreposta.
(0.5)	pausa em décimos de segundo.
(.)	micropausa de menos de dois décimos de segundo
=	contiguidade entre a fala de um mesmo falante ou de dois falantes distintos.
.	descida de entonação.
?	subida de entonação.
,	entonação contínua.
? ,	subida de entonação mais forte que a virgula e menos forte que o ponto de

	interrogação.
:	alongamento de som.
-	auto-interrupção.
<u>sublinhado</u>	acento ou ênfase de volume.
MAIUSCULA	ênfase acentuada.
°	fala mais baixa imediatamente após o sinal.
°palavras°	trecho falado mais baixo.
palavra:	descida entoacional inflexionada.
palavra:	subida entoacional inflexionada.
↑	subida acentuada na entonação, mais forte que os dois pontos sublinhados.
↓	descida acentuada na entonação, mais forte que os dois pontos precedidos de sublinhado.
>palavras<	fala comprimida ou acelerada.
<palavras>	desaceleração da fala.
<palavras	início acelerado.
hhh	aspirações audíveis.
(h)	aspirações durante a fala.
.hhh	inspiração audível.
(())	comentários do analista.
(palavras)	transcrição duvidosa.
()	transcrição impossível.

ANEXO 2

TRANSCRIÇÃO

- 01 Lívia: então gente, quem vai começar o relato de procedimento?
 02 (silêncio)
 03 Carla: ah:: eu ((elevando e abaixando os dois ombros duas vezes))
 04 Laura: ((riso))
 05 Lívia: eu gostaria que você relatasse pra gente↑ como que você faz um bolo
 06 chocolate com cobertura de brigadeiro↓
 07 Carla: É:: (pausa)
 08 Lívia: desde o início. imagina você na cozinha, <o que você pega primeiro>
 09 Carla: = o ovo, é:: farinha de trigo, é:: leite (pausa) pó royal (pausa) ((
 10 o gesto de misturar com a mão esquerda))misturo.
 11 Lívia: tu↑do isso junto↓
 12 Carla: é:: margarina. ah é é.

13 Lívia: mas, o que você mistura primeiro?
14 Carla: é:: clara e ghghgh ((faz um gesto com a mão esquerda como se estivesse
15 misturando a clara)) (pausa) é:: neve
I+R 16 Lívia: clara em neve?
17 Carla: é. aí eu vou é:: - o restante do bolo eu é:: açúcar, é:: tudo junto
18 Lívia: tudo jun↑to↓
19 Carla: é.
20 Lívia: e onde você coloca?
21 Carla: é:: numa bacia↓ não!é:: bater (.) primeiro↓ com (.) batedeira↑ (.)
22 é:: passa óleo e farinha (.)
I 23 Lívia: onde?
I 24 Carla: é::((olha para Tereza como se pedisse ajuda))(pausa) batê - ((coça
25 cabeça e olha para Tereza)) [como que chama? = ((mantém contato
26 ocular com Tereza))]
27 Tereza: [((olha para Carla e esboça um sorriso
R 28 Carla: = a:::i fôrma. fôrma. ((sorri apenas com os lábios sem emitir som))
29 (pausa) é:: bato (pausa) é:: passo (pausa) é:: é:: (pausa) ((mexe c
30 a mão esquerda como se estivesse misturando algo)) eu:: é:: é::
31 fico(.) demorando é:: - demora pra ((faz um gesto com a mão esquerd
32 como se estivesse despejando algo de um recipiente para outro)) é:
33 colocar da vasilha no bolo↓=
I+R 34 Lívia: =na fôrma↓
35 Carla: é:::. é:: demora↓ é:: é: restinho assim ((aproxima o polegar do
36 indicador deixando um pequeno espaço entre eles)) °fica°.
I+R 37 Lívia: fica?
38 Carla: é. É:: não consigo é:: a mão é:: é: - duas mãos, eu conseguia (.)
39 (.) a mão esquerda ((mostra a mão esquerda, abrindo e fechando,
40 mostrando que consegue movimentar essa mão))=
I+R 41 Lívia: = fica um pouco difícil?
42 Carla: é. é.
43 Lívia: tá ↓ então vamos ver se eu entendi? primeiro você bate a clara em m
44 (.)
45 Carla: ã,
46 Lívia: e separa,
47 Carla: ã,
48 Lívia: depois mistura todos os outros ingredientes↓, quais são?
49 Carla: é:: ovo é:: açúcar é:: margarina é:: farinha de trigo é:: chocolate
50 né, e:: - num gosto bolo de chocolate, num gosto. aí:: (pausa)
I 51 Lívia: não faltou um não↑
52 (pausa)
53 Lívia: senão vai ficar uma farofa↓ só tem pó↑
R 54 Carla: a::: é:: leite é:: >pó royal<. ((risos))
55 Lívia: a:: tá↑isso tudo vai na batedeira?
56 Carla: tudo. tudo.
57 Lívia: depois você coloca na fôrma,
58 Carla: ã,
59 Lívia: mistura a clara em neve,
60 Carla: ã,
61 Lívia: e aí? a cobertura vem que hora?
62 (pausa)
63 Carla: é:: depois do pronto é:: - no forno, meia hora é: sai é::: (pausa)
I 64 ((coça a cabeça)) num sei fazer é::; bolo de::,
R 65 Tereza: cobertura↓
66 Carla: é. num sei. é:: chocolate, é:: >leite moça< é isso?
67 Lívia: é. Isso aí! Isso aí! Todo mundo entendeu as etapas?
68 Laura: [((mexe com a cabeça para baixo e para cima sinalizando afirmação))]
69 Tereza: [((mexe com a cabeça para baixo e para cima sinalizando afirmação))]
70 Manoel: [((mexe com a cabeça para baixo e para cima sinalizando afirmação))]
71 Lívia: tá vendo, como você pode ensinar alguém a fazer um bolo↓
72 Carla: ((riso))
73 Lívia: a gente pensa que pode fazer menos do que realmente pode.
74 Carla: a:: é:: cozinho↓

75 Lívia: então↑
76 Carla: casco é:: batata é:: meia hora↓ descascar uma batata,
I+R 77 Lívia: você demora [meia hora?
78 Carla: [É.
79 Lívia: mas cozinha, não cozinha?
80 Carla: é.
81 Lívia: então está excelente, né?=
82 Carla: =((riso))